**Céticos na igreja da tecnologia**

*Máquinas que pensam, às vezes imprevisivelmente*

As promessas da era robótica, relatadas com entusiasmo na mídia e no mundo da tecnologia, prevêem um futuro em que nossas vidas serão aperfeiçoadas por novos amigos feitos de metal, fios, transistores e dotados de inteligência artificial. Essas máquinas vão nos ajudar a cuidar de idosos pacientes de Alzheimer, ensinar crianças com distúrbios de comportamento e administrar escritórios à distância.

A fusão mental entre computador e homem, conhecida como "singularidade", assumiu tons religiosos entre os altos sacerdotes da tecnologia no Vale do Silício.

Outros não têm tanta certeza de que essas promessas sejam positivas.

"A própria ideia de inteligência artificial nos dá cobertura para evitar a responsabilidade, ao fingir que as máquinas podem assumir cada vez mais a responsabilidade dos humanos", disse Jaron Lanier, autor de "You Are Not a Gadget" [você não é um brinquedo], em um artigo no "Times". Lanier, que tem títulos como "arquiteto associado" na Microsoft e "inovador residente" em uma universidade, adverte que pensar nos robôs como criaturas amigas em vez de ferramentas é "reformular as suposições básicas de nossas vidas de maneiras errôneas e, em última instância, nocivas".

Uma nova geração de robôs possibilita que os trabalhadores pareçam estar em dois lugares ao mesmo tempo, relatou o "Times". Essas máquinas móveis, conhecidas como robôs de telepresença, geralmente têm uma tela de computador no lugar da "cabeça" e um corpo sobre rodas que permite que o usuário remoto se desloque por um ambiente. Alguns médicos os estão adotando para examinar pacientes à distância. Diretores os utilizam para participar de reuniões remotamente ou mover o robô pelo escritório na Califórnia enquanto eles estão em uma mesa em Toronto.

Mas se alguns dizem que essas máquinas permitem que tenham "conexões interpessoais" durante reuniões e interagir com pessoas como se estivessem na mesma sala, nem todos estão convencidos.

"É bacana, mas um pouco ilusório", disse ao "Times" Michael Arrington, fundador e coeditor do site de notícias tecnológicas TechCrunch. Apesar de hoje passar a maior parte do ano em Seattle e administrar remotamente seu site no Vale do Silício, ele disse que consideraria o robô como um dublê, talvez para uma entrevista, mas não para dirigir sua empresa.

"Você pode se movimentar, mas não pode realmente ver o que está acontecendo", ele disse.

Em um nível prático, se os robôs que estão entrando na sala de aula hoje se tornarem populares no campo da educação como ocorreu com outras tecnologias da computação, John Markoff escreveu recentemente no "Times", os pais podem ter dúvidas que vão além das preocupações éticas e práticas: "Esse robô realmente 'entende' meu filho? Seu estilo de ensino é adequado para as necessidades do meu filho, os talentos da minha filha?".

RUBI, um robô que é montado sobre um par de tênis com uma tela em seu tórax, braços mecânicos e cabeça em forma de caixa, teve êxito no ensino de crianças, segundo testes realizados em San Diego, relatou o "Times". Mas houve alguns problemas imprevistos. As crianças correram para RUBI quando ele entrou na sala de aula pela primeira vez, mas no fim do dia alguns meninos tinham arrancado seus braços.

"O problema das máquinas autônomas é que as pessoas são muito imprevisíveis, especialmente as crianças", disse ao "Times" Corinna E. Lathan, executiva chefe de uma companhia de Maryland que fabrica o robô CosmoBot, movido por controle remoto, que ajuda na terapia de crianças com deficiências de aprendizado.

"É impossível prever tudo o que pode acontecer."

**Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 set. 2010, The New York Times, p. 2.**